

Os meus primeiros alunos da banda

*Adérito Silveira

O “Pintassilgo”entusiasmado berrava:” tá bem boa o raio da banda...”

Na lídima expressão de força do povo, algumas festas populares, afirmavam-se pela presença de bandas de música conceituadas.

As romarias, antigamente, mais pareciam um fresco de tipos humanos com velhos e beatas, estropiados, bêbados e também pessoas de bem...Todo este quadro documentava a existência dum mundo de gente ora decadente, ora alegre, buliçoso e confiante. Contudo, os pensamentos de todos corriam livremente para a convergente e misteriosa harmonia do universo quando queriam discorrer sobre a qualidade das bandas de música. Havia até pessoas doentes pela Banda de Mateus, intransigentes e fanáticas.... O *Pintassilgo* de Constantim por exemplo, mal ouvia o *tum-tum* introdutório do bombo para a banda dar início à execução de uma marcha, logo se precipitava e entusiasmado berrava:” tá bem boa o raio da banda...”enquanto o dizia, o homem repuxava uma orelha para enfatizar as palavras e o seu tom de voz.

Afogados no vinho, os bêbados marcavam pontos a partir das 3 da manhã e as bandas, tocando para eles, faziam sair dos seus instrumentos o feitiço e a magia embriagada de sons, levando-os ao esquecimento dos malogros da vida. Para esses pândegos das noites adiantadas de arraiais, o cansaço dos corpos suados pela dança e ingerência de álcool fazia das melodias românticas e espirituosas toadas embaladoras.

Havia músicos que na reconfortante nostalgia, debitavam sons mesclados de guinchos, julgando que com isso estavam a exhibir a afirmação suprema de uma qualquer arte...

Num Domingo escaldante do mês de Agosto no ano de 1973, a Banda de Mateus apresenta-se na Festa da Senhora da Guia. Serviço só de dia mas por demais trabalhoso, pois dos músicos exigiam-se pernas para

calcorrearem angustiantes montes em forma de socalcos. À banda não se lhe pedia arte, mas sim muitas horas a soprar ininterruptamente. Das fileiras da colectividade centenária ressaltavam os meus primeiros e talentosos alunos: Fernando Dias, Tino, Joaquim Bento e Armindo (diabo). Todos eles tinham aprendido a arte do solfejo de forma fácil, hábil e entusiasmante. No seu jeito de tocar, os 4 músicos cedo se revelaram como potenciais casos de sucesso....

Nessa manhã de Domingo, o Sol em flecha zimbava inclemente nos velhos instrumentos e nos rostos queimados e ressequidos dos músicos. A chegada da banda aconteceu pelas 8 horas, coincidindo com o início da arruada que iria durar longas e martirizantes 5 horas, seguida de uma missa cantada pela banda e por mim dirigida. Iluminado por um raio de inteligência e lucidez, o músico António Santos Silva sugere que a banda se divida em duas metades evitando dos músicos um esforço desnecessário e inglório, com metade do percurso. Confiante nos meus alunos, proponho um teste às suas capacidades, sugerindo que os 4 façam parte de um grupo e os restantes elementos (22) integrem o outro grupo. E assim se fez. O primeiro conjunto a chegar ao largo foi o maior que exaltando uma espécie de troféu por chegar primeiro, aguardava agora com ansiedade e alguma desconfiança a chegada dos *4 garotelhos*. Aos poucos, começa a emergir a cadência vibrante de sons, que ia criando uma atmosfera latente de entusiasmo e admiração a todos os músicos e a muitos populares. A arte dos sons que se fazia ouvir dos *4 rapazecos* enchia de orgulho e emoção os músicos mais velhos que não regatearam sorrisos e aplausos.

No decorrer da Santa Missa o pregador, em palavras fervorosas, elogiou a missa cantada pela banda, enquanto mulheres vestidas de escuro carregado ouviam o sermão com lágrimas nos olhos. Não era caso para menos. A devoção àquela Senhora tinha um profundo significado para aquele povo que se transformava cada vez que o nome da padroeira era evocado nas palavras daquele orador sagrado.